

ELEFANTEBU

CULTURA POP E PATO FU
EDIÇÃO Nº17, OUTUBRO DE 2006 - ANO 4



móveis coloniais de acaju

SWING E ATITUDE

PUNK



E mais: Gizza Machado
estréia a coluna
Recheio e entrevista
o rapper Macarrão

Julieta Venegas está em todas! Ou pelo menos ela é muito falada no Elefante Bu. A cantora mexicana tem o nome citado nas últimas três edições do fanzine e também está presente nesta. Não que isso seja algo planejado e nem há vontade de substituir o nome da banda inspiradora do Elefante Bu na capa pelo o de Venegas. É que certas coisas, às vezes, acontecem numa frequência inesperada. Veja só:

A edição 14 foi um especial do festival Porão do Rock e do filme X-Men. E Julieta estava lá por causa de uma participação especial no disco da Érika Martins e os Telecats. A notícia surgiu na coletiva de imprensa realizada com as bandas após os shows. A edição 15 teve como carro-chefe uma matéria sobre as bandas de Fortaleza, mas quando ela estava quase fechada, soube que ela, Julieta, havia lançado disco novo (e muito bom por sinal). Oras, não dava para passar batido uma coisa dessas e a resenha foi a principal daquele mês. O jornalista Fernando Rosa concedeu uma bela entrevista para o Elefante Bu e foi noticiado também da participação de Fernanda Takai num disco de um artista colombiano. E quem também participou desse disco? Julieta Venegas! Esta edição traz a resenha do disco acústico do Lenine. Adivinha quem esteve presente fazendo um dueto com ele numa das melhores faixas do disco? É ela mesma.

Algumas coisas acontecem sem querer, o que não quer dizer que isso seja ruim. No final, até que elas redem algumas piadas ou curiosidades.

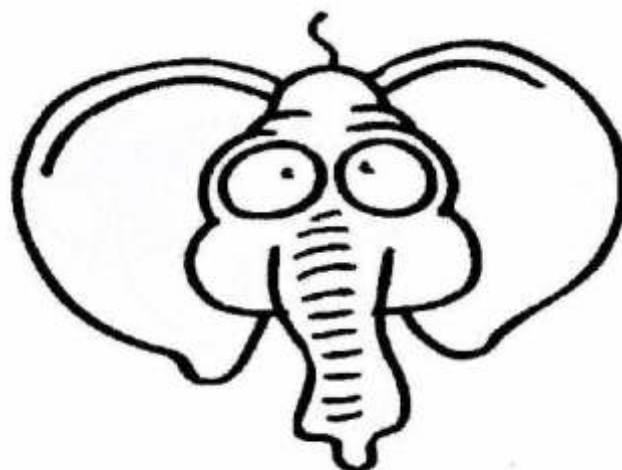
E esta edição do Elebu (se você ainda não percebeu, esse é o apelido do zine) está bem interessante. A matéria de capa traz uma das bandas mais bem organizadas do cenário independente nacional, e que de quebra ainda faz um som excelente e empolgante. Gizza Machado estréia uma nova coluna chamada "Recheio", onde ela fará entrevistas e matérias sobre pessoas do meio fonográfico que correm atrás das oportunidades e sua muito a camisa para conquistar seus objetivos. Também há uma resenha do filme Adeus Lenin e o surgimento promissor de um possível novo seriado cult cheio de super-heróis na coluna destinada aos geeks de plantão.

E olha só! Fiz um editorial! Fazia tempo que não escrevia um.

P.S.: Fernanda "Yoko Ono" Takai e John "Lennon" Ulhoa estavam fantásticos e hilários na apresentação do VMB 2006.

"Eu queria ser mesmo era o Paul McCartney" - *Fernanda Takai*

Isso é "tão" Fernanda... E eu tinha de arrumar um lugar nesse zine para comentar isso!



ELEFANTE BU N° 17

EDIÇÃO, DIAGRAMAÇÃO, PRODUÇÃO E TEXTOS NÃO ASSINADOS:

Djenane Arraes

CAPA:

Basicamente é o wallpaper da banda Móveis Coloniais de Acaju com um pequeno toque do photoshop.

AGRADECIMENTOS PARA ESTA EDIÇÃO:

Georgiana Calimeris, Gizza Machado, Washington Ribeiro e Fabrício Ofuji.

DISTRIBUIÇÃO:

De e-mail em e-mail.

E-MAIL E EDIÇÕES ANTERIORES:

elefantebu@yahoo.com.br

CANÇÕES E AFINS:

Legião Urbana basicamente. É impressionante como você pode passar meses sem ouvir uma simples música da banda do Renato Russo, mas basta dar na telha que dispara. Dá vontade de escutar as preferidas de toda a discografia. O grande problema nisso é que você não simplesmente escuta uma música da Legião... tem que cantar também. E no que você faz isso, esquece de trabalhar!

APOIO:



porãoweb.com.br



CAPA

Móveis Coloniais de Acaju

RECHEIO

Macarrão

DISCOS

Os Gianoukas Papoulas

Lenine

Liquits

Say hi to your mom

Skank

Superguidis

FILMES

Adeus Lenin!

Cão de Briga

Cafuné

MUNDO GEEK

Heroes

ESPAÇO PORÃO WEB

Porão do Rock em Imagens

O GUIA

*Um Olhar
No Limite*

A NOVA GRANDE BANDA DE BRASÍLIA

Djenane Arraes

Era um domingo do final do mês de setembro, quando a Móveis Coloniais de Acaju foi a atração da vez do projeto Sons do Planalto, realizado no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB). O lugar estava tomado de fãs da banda, que dançavam freneticamente e cantavam cada verso das canções. Na música *Copacabanda*, rodas se formavam ao longo do hall do CCBB, sendo que uma formada em frente ao palco era enorme. Mas não se tratava das rodas de pogo, vistas em shows de rock onde as pessoas correm em círculo chutando e socando ar, grama, terra, pessoas e o que vier. No show da Móveis, elas são em estilo grego: as pessoas se abraçam e a roda começa a girar devagar onde todos de abaixam e se levantam como se fossem uma onda. Na medida em que o ritmo se acelera, a roda "pula" até se desmanchar. Parece bobo, mas é um show de interatividade e sintonia raros. É um espetáculo gostoso de se ver e participar.

Mas quem viu a Móveis Coloniais de Acaju em suas primeiras apresentações em 2000/2001 tinha algumas dúvidas de quão duradoura essa banda nascida no Distrito Federal poderia ser. Tratava-se de algo inédito em Brasília porque até então ninguém na capital federal havia ousado colocar no liquidificador rock, swing, ska e um pouco de Karnak para formar algo novo. Outra razão para desconfiança era o número de integrantes. No início eram oito (André vocal; Beto flauta; Borém gaita; Fábio baixo; Leo guitarra; Renato bateria; Rodrigo saxofone; Xande trombone). Como uma banda independente de som estranho e cheia de gente poderia ir longe? Mas foi. A Móveis não apenas se consolidou como hoje é considerada a banda independente mais destacada de Brasília. E há sinais de que ela tem munição para surpreender ainda mais.

Hoje são dez integrantes no palco (saiu Rodrigo, mas entraram BC guitarra; Esdras sax barítono; Paulo Rogério sax tenor). Eles têm o apoio de uma equipe que inclui técnicos de som, luz e palco, três rodies, VJ, assessor de imprensa (que também é produtor) e merchandising. Além disso, a banda criou uma estrutura quase empresarial para poder se viabilizar. Muitos dos shows pela cidade são produzidos pelos próprios integrantes. Foram eventos que deram tão certo que eles abriram espaço para surgimentos de projetos como "Móveis Convida", onde os anfitriões dividem o palco com bandas locais e de outros estados.

Um show da Móveis Coloniais de Acaju sozinha consegue atrair mais público em Brasília do que pequenos festivais com três ou quatro atrações diferentes. Além dos espaços locais, a banda começa a lutar para conseguir visibilidade em outros estados do país com o apoio da crítica, da imprensa e com o reconhecimento de grandes artistas.

O Elefante Bu conversou com os integrantes Fábio, BC e Borém após o show realizado no CCBB pelo projeto Sons do Planalto.



Elefante Bu - Toda vez que se fala do início da Móveis, uma coisa que ficou marcante para mim foram as piadinhas sobre vocês na coluna "A Verdade" da antiga revista do Porão do Rock. O cara que escrevia adorava sacanear a Móveis!

Fábio - Eu não sei se o cara da "A Verdade" veio aqui hoje, mas eu me sentia muito honrado por ser sacaneado. Éramos uma banda desconhecida e cara ainda gastava o tempo dele com a gente. Eu ficava até emocionado porque devíamos ter alguma coisa para o cara perder o tempo dele. Isso foi em 2000, e na época a gente ficava se perguntando se alguém tinha gostado do nosso som. A verdade é que isso pouco importa.

Borém - Acho que primeiro a gente quem gostar do que faz, e depois as pessoas gostarem do que a gente faz. Mas deu para ver no show de hoje que tem aumentado o número de gente que gosta (risos).

BC - Até hoje tem gente que fala mal, dizendo que o pessoal é muito louco e que não é uma coisa muito padrão. O que é natural. O que importa é que estamos construindo algo interessante, e há algumas pessoas que nos ajudam muito. Mas enfim, não dá para agradar todo mundo e não dá para ganhar todas.

Fábio - Inclusive, gostamos de correr riscos. A gente tinha uma música que era uma mistura de forró com ska. Na primeira vez que fomos tocar fora de Brasília, foi para fazer um show em São Paulo junto com a banda Rudeness de

skacore, que é a coisa mais pesada do mundo. O show foi no Hangar 110, que é o lugar mais punk-rock da São Paulo. Quando nós tocamos essa música, os caras olharam para nós como se estivessem pensando "mas que diabo é isso?". Acho que temos que arriscar e se divertir. O princípio é esse.

BC - Acho que você se divertindo e fazendo alguma coisa interessante, vai agradar alguém. Daí é só buscar esse alguém.

Elebu - No site de vocês tem a pergunta: "banda de rock?" Na verdade o som que a Móveis faz não é bem entendido como tal, mas mesmo assim vocês também são representantes da chamada "terceira onda do rock de Brasília". Que coisa maluca é essa?

Fábio - Acho que a pergunta que deveria ter no nosso site era "o que é rock?", porque essa história do pop-rock envolve desde Jota Quest até Sepultura. Tudo é rock e depende da referência de cada um.

BC - E o que é ser rock não é apenas em termos de gênero, mas de atitude? Se a gente pegar em termos de atitude, nós somos punk porque fazemos tudo sozinhos. Fazemos o site, tiramos as fotos, fazemos as gravações... então, talvez a gente seja uma banda de punk.

Fábio - A idéia de rock é essa coisa de cozinha: ter bateria, baixo e guitarra, uma temática de distorção e no tipo de composição. É nesse sentido que a



Idem

Quem ouviu o EP da Móveis Coloniais de Acaju sabe que o ritmo contagiante da banda era ainda cru e não se entendia patativas das letras. Era como se André cantasse alemão, romeno, sueco, qualquer coisa menos português. Pois esse foi o primeiro detalhe marcante e sinal de evolução da banda que se observa no disco lançado quase cinco anos depois em relação ao início: os vocais. Em *Idem*, André canta mais calmo, articulando bem as palavras. Depois que o português passou a ser entendido, o som ficou mais amadurecido e as referências melhores trabalhadas, as coisas atingiram um outro patamar. A impressão é que a Móveis chegou para conquistar o mundo e vai usar como arma muitos hits para ouvir e dançar. Qualquer uma do disco vai causar uma boa impressão e funciona muito bem, mas *Copacabana* parece ser aquela especial. A letra é divertida, tem um refrão pegajoso, é dançante, cheia de "viradinhas". Mas o melhor de tudo que *Copacabana* ao vivo é arrebatadora. É o que basta para se apaixonar pela Móveis Coloniais de Acaju.



João Paulo Barbosa

gente se encaixa nele, mas não ficamos limitados ao rock como sonoridade. A gente toca o que tiver nos interessando naquele momento, que pode ser desde ska, rock, MPB ou até música do leste europeu. Vamos sempre analisar o que fica bom para nós.

Elebu - A Móveis é uma banda que tem o prazer de ter um release escrito pelo André Abujamra. Queriam que vocês falassem um pouco desse reconhecimento que estão conseguindo de outros artistas inclusive.

Borém - Isso foi uma grande honra. A gente até se arrepiou.

Fábio - Nós fizemos um show com a Maria Rita no Via Funchal em São Paulo, e ela ouviu duas músicas nossas antes de ir para o camarim se preparar para o show dela. Foi legal vê-la dançar do lado do palco.

Borém - Depois do show, ela foi inclusive falar com a gente para dizer que adorou.

BC - Até mesmo com show de hoje com o Gabriel (Thomaz) foi muito bom. Ele é um cara muito legal e simples, que veio aqui só para tocar com a gente. Isso tudo nos dá a certeza de que estamos no caminho certo em defender uma proposta sem ficar titubiando. Hoje nós podemos pegar uma música do Little Quail e desconstruí-la completamente sem ter receios.

Elebu - O que chama a atenção para a Móveis é a ótima organização da banda. Vocês têm um site da

internet bem feito, organizam shows e eventos, formaram uma equipe de produção que conta até com assessor de imprensa. O que levou vocês a pensar nisso tudo?

Borém - É que estamos cada vez mais convencidos que o modelo de negócios é o da banda Calypso. Sinceramente, nós queremos ser o Calypso do rock, porque ela faz tudo, vende milhões de cópias e hoje todo o dinheiro gerado é da própria banda. Isso aconteceu porque ninguém acreditou neles lá na origem. Eles correram atrás de gravadora e ninguém quis arriscar na proposta deles. De certa forma, o mesmo acontece com a gente. Tem muita gente que gosta, mas eu entendo a posição da gravadora porque é arriscado assumir um produto como o nosso. Acho que isso acontece por causa do nosso tipo som que não segue modelo de ninguém.

BC - Na verdade, tudo se resume a uma palavrinha: proatividade. Nós somos dez na banda. Ao invés de pensar em custos e dificuldades para viajar, nós temos que transformar o fato de ter dez integrantes em vantagem. Por exemplo: o Borém, o André e o Renato são designers, então eles vão cuidar da parte visual da banda. O Fábio é antropólogo e cuida do caixa... bom isso não tem muito haver, mas existem coisas assim até porque a banda tem dois economistas e eles passam longe do dinheiro (risos). Nós dividimos as tarefas e procuramos fazer bem-feito tudo o que nos propomos a realizar. Se a cena

está devagar, então vamos produzir o nosso próprio show.

Elebu - E dessa idéia e postura que surgiu o projeto "Móveis Convida"?

Borém - Exatamente. Surgiu dessa falta de opção. A gente precisava continuar tocando em Brasília e tinha que chamar bandas de fora, porque acho que a cidade carece desse intercâmbio. Além disso, tivemos a experiência do sucesso do nosso show de lançamento, onde nós fizemos tudo e na marra. Isso possibilitou a venda das duas mil cópias do CD na semana do show, que já é um número estonteante para qualquer banda independente.

Elebu - Apesar de ter dez pessoas na banda, não são todas as vezes que vocês conseguem tocar completos, o Beto mesmo está na Europa nesse momento. Mesmo assim o show sai. Convenhamos que isso é outra peculiaridade da Móveis.

Borém - É porque nós temos uns sem-vergonhas itinerantes (risos).

BC - É que nós somos igual um time de futebol. São dez na linha e tem o Ofuji no gol. então quando um tem uma necessidade de sair, vem outro para suprir. Eu mesmo só entrei na banda quando o Leo foi para Harvard começar o doutorado dele. Eu sou colega dele da economia, a gente já tinha tocado juntos algumas vezes e quando ele foi para lá eu entrei na banda. Mas quando ele está no Brasil, tocamos juntos, porque dá para fazer um monte de arranjos e coisas diferentes pelo fato de eu também tocar bandolim e cavaquinho. Nós temos que nos virar porque o show tem que continuar. São dez pessoas, dez necessidades diferentes e cabe a nós compreendermos isso e fazer o melhor possível.

Fábio - Fora os dez e o Ofuji, é bom dizer que temos ainda o Tom, que é o técnico de som, os três rodies Brunão, o Bola e o Luiz, tem o Marcelo que faz a luz e o Wesley que entrou à pouco com o monitor. E tem a Mel, que faz a parte de merchandising. Como você pode ver, é uma grande família. A base está junta há seis anos e o resto vem sendo agregado desde 2003.

E nós estamos sempre juntos a ponto de ficar sacaneando porque sempre que passamos muito tempo viajando e chega em Brasília, quando vamos sair para a algum lugar é sempre com alguém da banda. O pessoal que está fora sabe que quando eles voltarem, o lugar deles vai está aqui. O Leo, por exemplo, está oficialmente há um ano fora. Mas nesse ano afastado, ele ficou seis meses aqui em Brasília. Ele veio para fazer um show, voltou para Harvard para fazer uma prova e depois veio para o Brasil de novo. Dá para fazer isso porque a passagem de lá para cá é muito mais barata. Metade do preço praticamente.

BC - É bom acrescentar que o Leo está sempre compondo e mandando coisas novas para cá.

Elebu - Como é que está a saída do Idem?

Fábio - O Idem acabou duas vezes, o que é incrível. A primeira pensagem foi de três mil cópias que já acabou. Nós fizemos mais mil que também já acabou. Ocorreu que tivemos de comprar de novo alguns discos que já tínhamos vendido para uma loja daqui de Brasília. Os donos tinham cem cópias do nosso disco e estavam segurando não sei para quê. Até hoje a gente não entendeu.

Elebu - Agora que vocês começam a conquistarem espaço na imprensa, tem reconhecimento, qual o próximo passo?

BC - Estamos com um reconhecimento muito legal de público, crítica e imprensa, mas a gente não se ilude. O caminho é muito lento e precisa ser assim: lento, gradual e seguro. Eu não sei onde isso vai parar, mas o fato é que a cada dia a gente conquista mais um pouco. Estamos viajando bastante e tendo uma boa execução fora de Brasília. Estivemos no Nordeste há pouco e nos surpreendeu porque nunca imaginávamos que o pessoal lá conhecesse a banda. É certo que o que importa é o presente porque o futuro a Deus pertence. Por outro lado, a gente sabe que está construindo uma casa que onde alicerces já estão quase prontos.



Divulgação



Fabrício Ofuji

Móveis Coloniais de Acaju em dois momentos: ainda com nove integrantes e na gravação do clipe *Seria o Rolex?*.



ARTE SEM FUTILIDADE

Gizza Machado

Ele faz um som que expressa a verdade do cotidiano na favela carioca, mas especificamente no morro do Zinco no Estácio. Macarrão realmente nasceu e criou-se dentro dessa comunidade e fala ao mundo através do seu rap arrastado, utilizando bases do soul e R&B, sobre as adversidades, alegrias e dificuldades da sua própria vida. Seu lema: "nossa música pra nossa gente". Essa crônica fiel do dia à dia na favela está registrado no seu mais recente trabalho o CD, *O Diário*, lançado pela gravadora Criarte Records. Em 2003 participou do documentário *Fala Tu* (dirigido por Guilherme Coelho, Nataniel Leclery e produzido por Mano Tales). O filme ganhou vários prêmios nacionais e internacionais, tornando Macarrão um nome conhecido além do mundo do rap. Atenção! Senhoras e senhores, o show vai começar. Com vocês, Macarrão!

[Gizza Machado - Passado, presente, futuro...quem é o Macarrão?](#)

Macarrão No Passado um contraventor do jogo de bicho, cria da Vila Mimosa Estácio de Sá... No presente um pai zeloso, um homem triste, um rapper tentando espaço no mercado. No futuro só Deus... Tomara que seja o melhor que eu mereça.

[Gizza - A sua carreira musical deslançou após sua estréia no cinema brasileiro com o filme *Fala Tu*?](#)

Macarrão Não. O *Fala Tu* só trouxe visibilidade a nossa tragédia (minha e do Thougum), e algumas oportunidades profissionais.

[Gizza - Como você vê a música na sua vida: arte ou expressão social?](#)

Macarrão - As duas coisas. Eu procuro fazer um som bem honesto, as custas do que vivi e vi, nada mais. Só falo do meu mundo particular uma espécie de crônica do meu cotidiano.

[Gizza - Você lançou recentemente o CD *O Diário* pela Criarte Records. Quais são os temas abordados no disco? Qual a sua perspectiva com relação ao mercado fonográfico?](#)

Macarrão - O CD é todo baseado em crônicas do morro do Zinco no Estácio...alguma coisa do Catumbi trazida pelo Buiudadoze...mas basicamente meu mundo...como eu disse na pergunta acima...o Mercado tá falido né? Artistas famosos estão recorrendo ao mercado independente(Lobão por exemplo)

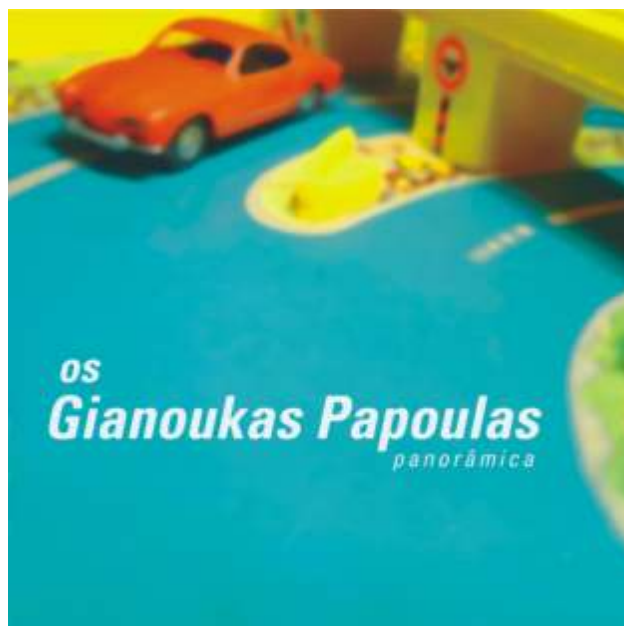
[Gizza - Fala Tu Macarrão! \(Abre o verbo...manda a sua mensagem pra galera\).](#)

Macarrão - Para ninguém desistir do sonho, seja ele qual for. E avisar aos governantes, que quem planta desigualdade colhe atrocidades. Está na hora de dividir. Fé em Deus.



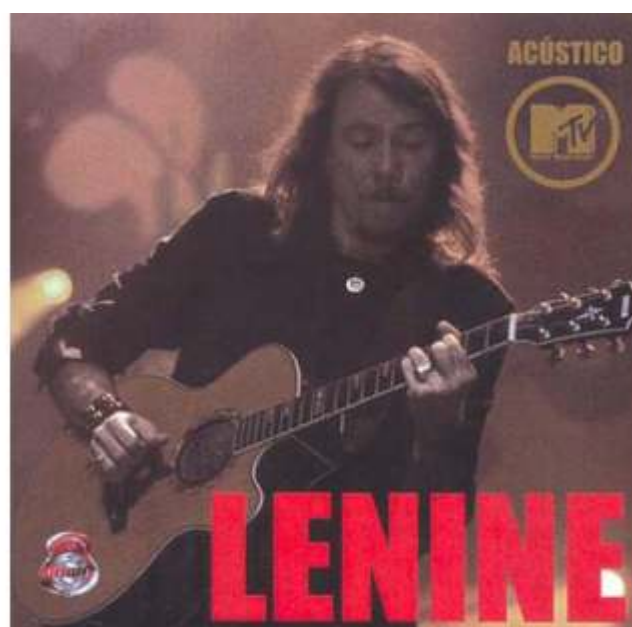
OS GIANOUKAS PAPOULAS - *Panorâmica*

Vamos direto ao assunto: apesar de ter sido lançado no ano passado, *Panorâmica*, dos Gianoukas Papoulas é o melhor disco de "pop/rock nacional" que eu ouvi neste ano. O problema é que ele confirma que a mídia regular, MTV, gravadoras são muito burras, porque o que esse quinteto paulista faz é comercial o suficiente para o gosto geral do público. A diferença é que não há como contestar a qualidade deles. As músicas são bem resolvidas, têm arranjos e barulhinhos legais, as letras são fáceis de entender e assobiar, tem ritmo e dá para tocar em festas. Se você escutar *Nada na Cabeça*, *Festa*, *Dois Perdidos*, até mesmo a mais "alternativa" *Godzilla* (uma música que poderia ser trilha sonora de filmes sobre tsunamis), pode sair por aí cantarolando. "Ele tem a cabeça no lugar/ em algum lugar, ela deve estar". Você pode baixar o *Panorâmica* na página oficial da banda www.gianoukaspapoulas.com.br. Totalmente legal.



LENINE - *Acústico MTV*

Vamos ser sinceros, não há no Brasil um formato que seja mais lucrativo do que o acústico. Não importa se é cheio de arranjos pirotécnicos ou se é só na voz e violão: todo mundo tem um. O mais recente do mercado é do Lenine. Como ele é um grande artista e tem músicas excelentes, então é redundante dizer que o seu acústico é ótimo (assim como quase todos da marca). O que pode diferenciar esse Acústico MTV dos demais produzidos pelo canal de TV, são os convidados especiais. Lenine "tirou onda" ao chamar gente como a mexicana Julieta Venegas (que cantou *Medo* lindamente e ainda tocou o seu quase inseparável acordeom), e Richard Bona, músico camaronês de jazz que é considerado um dos maiores instrumentistas do mundo na atualidade (na faixa *A medida da paixão*). Também dividiram o palco com Lenine o rapper brasileiro Gog (na faixa *A ponte*) e Igor Cavaleira (na faixa *Dois olhos negros*).



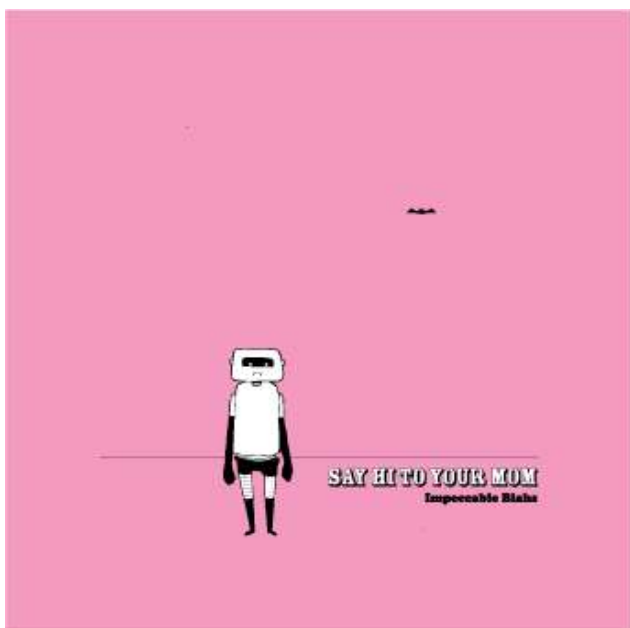
LIQUITS - *Jardim*

Faz algum tempo que caí nas graças da música mexicana. Tirando a turma do RBD (que queima o filme de qualquer um), há bandas e artistas excelentes por lá. Liquits é uma delas. É um trio de power pop que existe há 13 anos e tem apenas dois CDs gravados. O terceiro ainda está sendo produzido e enquanto ele não sai, vou falar de *Jardim* (2004), o segundo da discografia e o primeiro distribuído por uma grande gravadora. O disco tem músicas radiofônicas (*Tu sonrísá*), cheias de bom-humor (*Desde que* e *Pachanguero*), e outras de veia mais alternativa (*Viko*). Uma das melhores é a faixa título que traz uma participação especial de Natalia Lafourcade. É a mais chiclete entre todas, mesmo não tendo um refrão. "Quiero correr desnudo em Paris/ quiero correr desnudo y ser feliz...". Só uma brincadeira em relação ao editorial do zine: adivinha quem participou da edição especial do primeiro disco da Liquits? Ela mesma, Julieta Venegas!

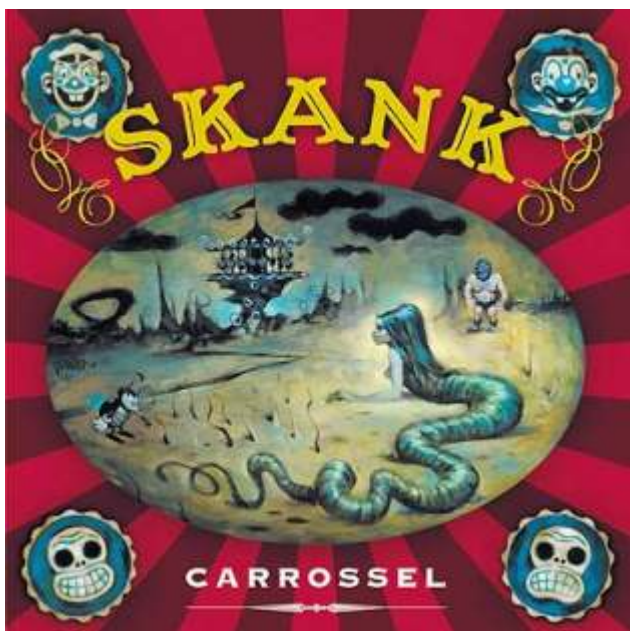


SAY HI TO YOUR MOM - *Impeccable Blahs*

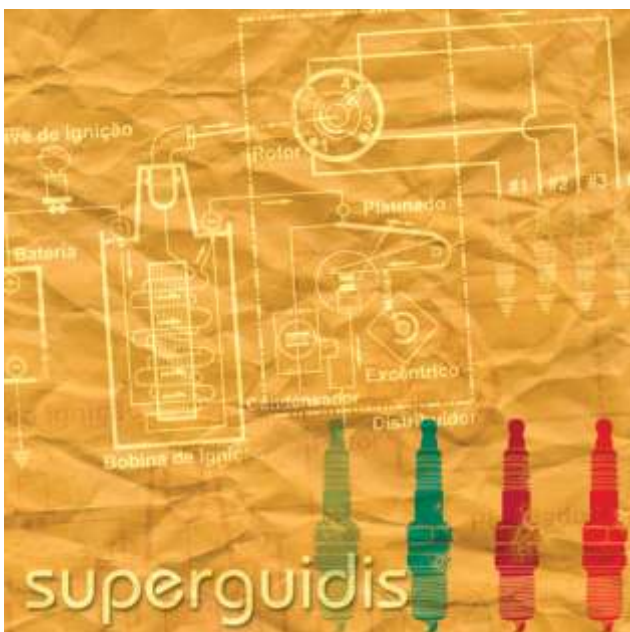
A Say hi to your mom, é na verdade um projeto solo do músico norte-americano Eric Elbogen. Ele cria e grava todas as músicas em sua casa, e só chama os outros "integrantes" apenas na hora de sair em turnê. Eric Elbogen tem algumas características interessantes. O projeto gráfico, por exemplo, é sempre o mesmo: as capas dos quatro discos já lançados só mudam a cor e o desenho discreto. Ele também adora fazer discos temáticos. O mais recente, *Impeccable Blahs* (2006), é sobre vampiros. A sonoridade depressiva é inspirada no rock gótico oitentista e faz você entrar nessa atmosfera soturna. Os vocais são praticamente sussurrados, o que aumenta a sensação. O nome das músicas é uma atração à parte: *These Fangs*, *She just happens to date the prince of darkness*, e *Angels and Darlas* (uma referência a série de TV Buffy, a caça-vampiros). É um trabalho muito bacana e que vale à pena conferir.

SKANK - *Carrossel*

Carrossel é o maior disco do Skank: tem 15 faixas e exatos uma hora e 37 segundos de duração. O quarteto mineiro fez um bom trabalho uma vez que *Carrossel* é melhor resolvido do que *Cosmotron*, de 2003. Ele veio afirmar que a fase *Garota Nacional* ficou mesmo no passado e não tem mais volta. O Skank, afinal de contas, envelheceu. O problema é que o disco soa como a continuação de um filme: é sempre maior, tem mais ação, mas é comum os diretores falharem em algo crucial. Nesse caso é o tamanho que incomoda. Por apresentar músicas mais lentas, onde a maioria delas tem mais de quatro minutos, ele não corre com tanta facilidade. Ao chegar à oitava faixa e se dar conta que ainda se está na metade do caminho, dá vontade de desligar e escutar o resto noutro dia. Há coisas belas nele. *Eu e a Felicidade*, por exemplo, é impecável. Mas fica a sensação de que se tivesse uns 15 minutos a menos, *Carrossel* seria bem mais "redondo".

SUPERGUIDIS - *Superguidis*

Superguidis é o futuro! Pelo menos é isso que se diz na empolgação depois de escutar o disco de estréia do quarteto gaúcho, lançado pela Senhor F Discos. Ele foi gravado no quarto da casa de um amigo da banda com o mínimo de equipamento, e o resultado obtido foi fantástico, invejável até. Superguidis é rock'n'roll para pular, com letras espertas e grudentas. A banda ainda tem a qualidade de não ser óbvia, plastificada e acéfala. O disco transpira a boa molecagem por todos os acordes e agrada tanto o público mais jovem quanto às pessoas mais experientes. Essas últimas, em especial, podem cantar mais alto coisas como "*porque cargas d'água, os cabelos que cresciam na cabeça agora crescem na orelha*", da música *O Véio Máximo*. O disco é recheado hits em potencial. *Bolo de Casamento* e *Manual de Instruções* são alguns deles. É bom conhecer essa banda, porque ela nos faz acreditar que ainda há esperança no rock nacional.



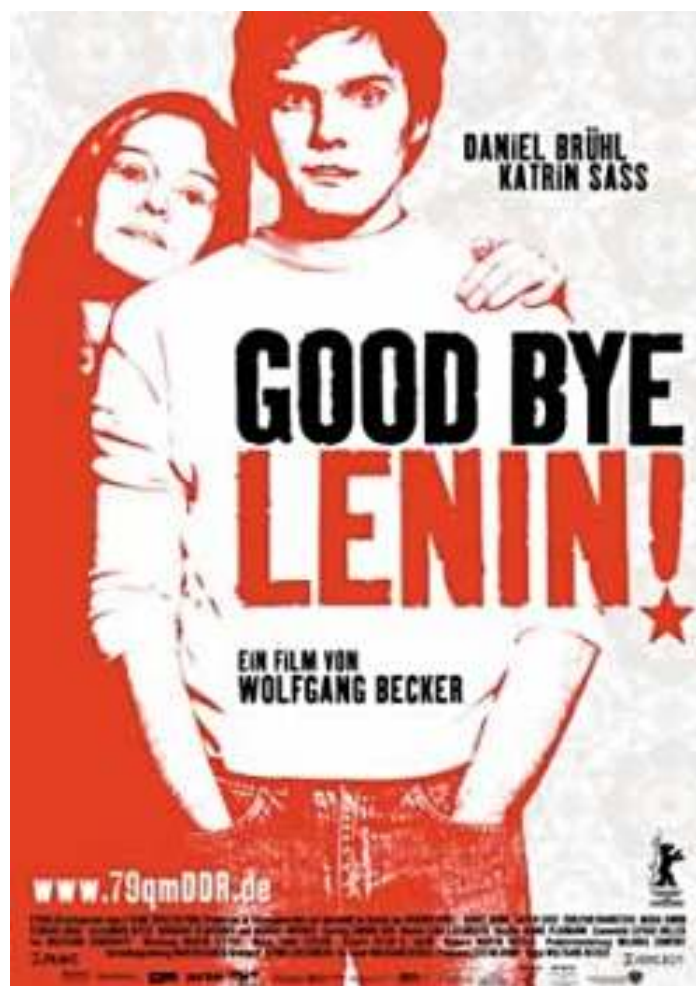
ADEUS LENIN!

Sabe quando você vai ao cinema e vê um cartaz de um filme que te chama a atenção, mas como já foi ao local para assistir outra coisa, acaba deixando para lá, para uma outra oportunidade. Só que depois você esquece. Meses depois você vai à locadora e enquanto passa o olho nas prateleiras, surpresa, lá está o filme do cartaz bacana, mas você não o loca porque estava com mais vontade de ver um sucesso mundial de bilheteria. Com o passar do tempo, você loca dezenas de outros sucessos de bilheteria, menos aquele do cartaz bacana que você toda vez passa por ele e pensa “um dia eu pego, mas não hoje”. Até que chega uma hora de um feriado prolongado e você não conseguiu passar na locadora mais cedo. As prateleiras estão quase vazias mas o do cartaz bacana ainda está lá: “já que não tem mais nenhum outro que agrada, vai esse mesmo”. Depois de ver o filme a sua conclusão é a seguinte: “mas que diabos estava com a cabeça que não peguei esse ele antes? É maravilhoso”.

Isso aconteceu comigo com *Adeus Lênin!* (Alemanha, 2003), de Wolfgang Becker. O filme foi um sucesso de público e crítica na Europa e ganhou vários prêmios, entre eles o European Film Awards, Blue Angel (Festival de Berlin), o Goya na categoria de melhor filme europeu, e ainda recebeu indicações para o Globo de Ouro, o César e o BAFTA.

Adeus Lênin! é sobre “a maior mentira da história”, como diz na capa do DVD. O jovem Alexander (Daniel Bruhl) e sua irmã Ariane (Maria Simon) recebem a notícia que a mãe deles, Christiane (Katrin Sass), acordou em meados de 1990 depois de um coma que durou oito meses. Christiane, que era uma exemplar militante do partido comunista, dormia enquanto o muro de Berlin caiu, a Alemanha se tornou uma, o regime socialista ruiu e o mundo mudou por completo. Alertado pelo médico de que a mãe não poderia sofrer emoções fortes porque isso a mataria, Alexander reuniu os amigos, ex-partidários comunistas, gente da comunidade e até um colega de trabalho que sonhava em ser diretor de filmes, só para sustentar uma grande mentira: a que o mundo não havia mudado. O comunismo e o muro permaneciam de pé e estavam até mais fortes.

Alexander provoca situações absurdas e



formula soluções geniais para sustentar sua mentira. Numa das seqüências mais engraçadas, ele procura obsessivamente por antigas embalagens de produtos estatais, sobretudo por um pote de picles, em supermercados do lado oriental e em latas de lixo. Tudo para conseguir dar mais veracidade à sua história. Os noticiários que ele e o amigo videomaker produzem para justificar as mudanças nas ruas são outros momentos hilários de *Adeus Lênin!*

Tudo no filme é quase perfeito. As atuações são ótimas e a produção é impecável, sem falar que a história merece todo o crédito pela originalidade. *Adeus Lênin!* confirmou a boa fase do cinema alemão que começou a ser novamente destacado no cenário mundial depois de *Corra Lola, Corra*. Quer um conselho? Não faça como eu e espere tanto para ver um filme como esse, que no final da história merece aplausos, se possível de pé. É diversão certa que está disponível na locadora mais próxima.



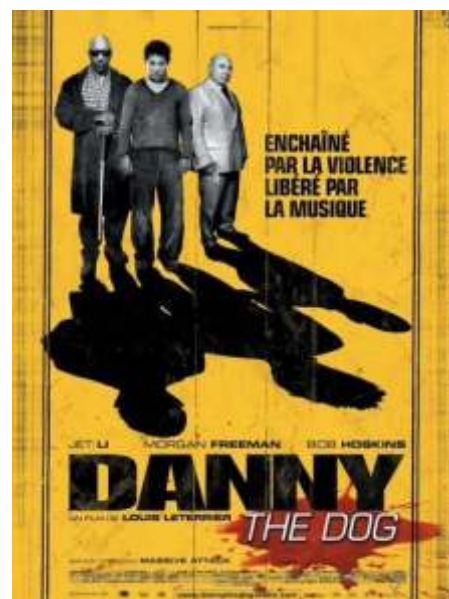
CÃO DE BRIGA

O trailer de *Cão de Briga* (EUA/ França/ Inglaterra, 2005) deixa muito a desejar, fazendo com que esse pareça apenas mais um daqueles filmes de ação de pacandaria sem sentido. No entanto, quem resolve assistir surpreende-se com a sutileza simbólica existente, onde as cenas de luta têm uma bela coreografia, além do filme ter um elenco de arrepiar. *Cão de Briga* conta com Morgan Freeman em um papel doce e delicado ao dar vida a um afinador de piano cego, conhecido por Sam, e Bob Hoskins que interpreta Bart, um vilão que usa de subterfúgios de chantagem emocional para derrubar Danny, interpretado por Jet Li. Kerry Condon faz a doce Victória, que ajuda Danny a reencontrar o caminho para seu próprio coração.

Jet Li é conhecido por filmes carregados em cenas de luta. Nessa singela metáfora aos relacionamentos familiares neuróticos, ele comprova que também é um ator. Uma das cenas mais impressionantes de *Cão de Briga* é quando ele consegue passar a nítida sensação de um cachorro que acata as ordens de seu dono. A expressão do rosto é fascinante para qualquer um que aprecie bons atores em ação. Hoskins também está impecável como vilão, e absorve até sotaque escocês para dar mais veracidade ao filme, uma vez que esse foi rodado em Glasgow.

Não só as interpretações são fantásticas como o próprio enredo cativa a medida que *Cão de Briga* se desenrola na tela. O clima cinzento dá um toque sutil à história de um homem que cresce para se tornar um lutador na mão de uma espécie de cafetão de pessoas que devem lutar como cães de briga. Bart parece ser o pior dos pesadelos de Danny. Ele não conhece outro mundo a não ser o do matador implacável que faz tudo que seu "dono" deseja. No entanto, uma reviravolta acontece quando, deixado em um lugar com pianos velhos, Danny conhece Sam em uma loja de antiguidades.

Ao sofrer um acidente, sem ter para onde ir, Danny procura Sam e um mundo encantado se apresenta quando ele é acolhido pelo afinador de piano e por sua enteada pianista, Victoria. Lentamente, Danny descobre quem ele é sem o seu dono e, a partir daí, ele se reconstrói rumo a uma vida completa em felicidade. A história não tem nada de banal e é muito provável que a desagradável figura interpretada por de Hoskins lembre alguém que conheçamos, que nos faça sentir menos do que somos até que somos capazes de jogar nossas coleiras fora! Mas, isso só pode ser percebido ao assistir o filme, que vale a pena não só pelas belas cenas de luta, mas pela própria perfeição com que a história se desenrola diante dos olhos. (*Georgiana Calimeris*)



CAFUNÉ

Existem casos ou situações onde as idéias são mais interessantes do que a realização do produto em si. É o exemplo do filme *Cafuné* (Brasil, 2005), primeiro longa metragem de Bruno Viana. Ciente de que a distribuição de filmes de baixo orçamento (os famosos B.Os - Boletins de Ocorrência) é complicada e fica restrita às salas alternativas de projeção ou aos espaços culturais, ele decidiu abrir mão de parte dos direitos de sua obra para disponibilizá-la nos sites e *softers* de trocas de arquivo como o E-Mule e o SoulSeek. A iniciativa é inédita no Brasil e mostra que Bruno é um diretor de visão, pelo menos no que diz respeito ao aproveitamento das novas tecnologias. Qualquer filme pode ser pirateado na atualidade e não há meios de impedir. Então para quê esperar e brigar? O melhor que se pode fazer é mesmo usar todos esses recursos ao seu favor.

Cafuné é a história do casal Débora e Marquinhos. Ela é uma garota de classe média que vive no Leblon, e ele um morador do morro de São Conrado. Eles percebem que apesar das diferenças sociais, ambos precisam superar os mesmos tipos de problemas, como a falta de objetivos na vida. Não é uma história original e tão pouco é bem realizada. Há problemas técnicos gritantes, a edição é confusa, há personagens inúteis, e as interpretações são canastronas. Mas tudo bem porque ao menos existe a opção de modificar o filme. É que além da versão "do diretor", que tem 73 minutos, é possível baixar outra de 93 minutos onde você pode reeditar a história da forma que achar melhor. E é exatamente aí onde mora toda a diversão. Para ver ou editar *Cafuné*, acesse o site www.cafunefilme.com.br.



NOVO CULT?

Mesmo que não consiga se sustentar por mais de uma temporada, a nova série de TV *Heroes* já pode se considerar um fenômeno de badalação e apostas. Ela estreou no final de setembro no canal NBC, dos Estados Unidos e atraiu 14.3 milhões de espectadores, o mesmo número da média de audiência da série *Lost*, do canal ABC. O que contribuiu para tal sucesso é que quase um mês antes da estréia, o piloto (ou o famoso primeiro episódio que introduz a trama) vazou na internet e causou uma ótima impressão. Logo pipocaram fã-sites, fóruns e listas de discussões, tudo gerado na expectativa da história inédita na TV. O canal organizou inclusive um site oficial "não-oficial", *9th Wonders*, com desing em forma de quadrinhos. Lá os fãs podem discutir os assuntos relacionados aos temas de *Heroes* e ainda ficar por dentro das últimas novidades da série editadas pelos próprios produtores. A Universal Channel vai transmitir o seriado no Brasil a partir de janeiro. E de quebra, a rede Record também comprou os direitos de transmissão da primeira temporada. Menos mal que foi a emissora do Edir Macedo. Pior se fosse a Globo que nunca dá crédito aos seriados e os coloca na geladeira para que ninguém mais transmita, mesmo que eles tenham mais audiência que certos programas.

O argumento de *Heroes* tem forte inspiração nos quadrinhos, embora o criador Tim Kring seja um notório ignorante do assunto. O produtor Jeth Loeb, que é um especialista e foi roteirista das séries *Smallville* e *Lost*, disse numa entrevista a NBC que histórias de super-heróis não tem haver com superpoderes, mas com personagens. "O Homem-Aranha é interessante, mas porque Peter Paker é interessante também". Logo, o que o público deve esperar do novo seriado é sobretudo uma boa história sobre personagens interessantes. *Heroes* começa quando algumas pessoas descobrem que desenvolveram poderes extraordinários. *Peter Petrelli* é um enfermeiro de Nova York que um dia acordou flutuando. Ele crê que pode voar e também que o super-poder pode tira-lo das sombras do irmão mais velho, *Nathan Petrelli*, um político que

concorre ao cargo de prefeito da cidade. Peter tem uma paixonite por *Simone Devere*, que é namorada do artista plástico *Issac Mendez*, um viciado em drogas que faz pinturas proféticas. Em Las Vegas, a stripper *Nick Sanders* se desdobra para sustentar o filho *Micah Sanders*, um garoto genial. O problema é que ela está sempre em apuros por causa de agiotas, da falta de dinheiro, e ainda precisa encarar seu reflexo no espelho, que tem vida própria e é meio psicopata. Já em Los Angeles, o policial *Matt Parkman* desenvolve a habilidade de ler mentes. Todos eles se mostram um tanto perturbados com os novos poderes, menos o adorável japonês *Hiro Nakamura*. Ele descobre que pode parar o tempo e se teleportar. Hiro fica muito animado por ser especial, mas seu melhor amigo não dá o mínimo crédito. Disposto a provar que tem super-poderes, ele consegue se teleportar do metrô de Tokio para o metrô de Nova York.

Por último, no estado do Texas, na pequena cidade de Odessa, a jovem estudante e líder de torcida *Clarie Bennet* descobre que é igual ao *Wolverine*, mas sem o adamantium e as garras. Ela tem um "fator de cura" ultra acelerado que faz o seu corpo se regenerar. Fraturas expostas, queimaduras graves e cortes profundos são curados em questões de segundos. Aparentemente Clarie não sente dor e virtualmente é imortal. Ela tem adoração pelo pai e mal sabe que ele é o potencial vilão da história. Teoricamente é contra ele que o dedicado professor geneticista indiano, *Mohinder Suresh*, precisa lutar. É dele a missão de descobrir quem são e onde estão esses heróis antes que alguém "errado" os encontrem.

Se os roteiristas não vacilarem, *Heroes* têm todos os elementos para se tornar uma série cult. Em primeiro lugar, só tem gente bonita no cast. As histórias dos personagens tiveram um ótimo início, há mistério e o suspense fundamental que faz o público querer saber dos acontecimentos da próxima semana. E para completar, há um vilão que ninguém sabe quais são os seus motivos, mas se aprende a temer-lo no primeiro instante.





Simone



Nathan



Clarie



Nick



Peter



Micah



Mohinder



Hiro



Matt

Porão do Rock 2006 em imagens - II



Fotos: Washington Ribeiro (wr/bk)

ÉRIKA MARTINS E OS TELECATS

Destaque do domingo, Érika é muito fácil de ser fotografada. Bonita e sempre sorrindo é só clicar!!!



VOLVER e PHONOPOP

Trocadilhos a parte, escolhi essas fotos pela composição exatamente igual à foto da Érika. Microfone, artista e luz! O mais interessante, é que, em cada foto o resultado é diferente.

HAROLDINHO MATTOS e SKANK

Seguindo a linha de composição, microfone, artista e luz, temos mais duas fotos com resultados diferentes das outras fotos. Na primeira foto a expressão facial de Haroldinho e na foto do Skank (Lelo Zaneti) composição com o logotipo do festival

ABRAFIN

A Associação Brasileira de Festivais Independentes (ABRAFIN), que reúne as principais festivais independentes do Brasil, teve um espaço para divulgação.

CADÊ O PÚBLICO?

Então... estava tudo perfeito, boas bandas, excelente estrutura e produção, clima bom, mas faltou um pequeno detalhe, talvez o mais importante... o público não apareceu...



CERTO OU ERRADO?

A diferença pode estar no alcance de nossas mãos

Por Washington Ribeiro

Vou fazer uma pergunta bem simples a você. Com apenas um sim ou um não é possível responder. Rápido, de bate e pronto: Você é corrupto? Antes que você possa responder, eu responderei por você. É uma resposta que todos têm na ponta da língua... Não, não sou corrupto!!! ? Corrupto são aqueles que estão lá no Congresso, mensalistas, sanguessugas... blá, blá, blá... Mas antes que você possa realmente responder, permita-me invadir sua vida um minuto.

Quantas vezes, no seu local de trabalho, você utilizou os recursos da empresa em benefício próprio? Pode ser uma caneta ou um lápis que você levou para casa, ou alguns folhas em branco para rascunho, ou uma xerox de um capítulo de um livro, ou uma cópia de CD ou um disquete. Quantas vezes você pegou dinheiro do seu pai ou da sua mãe sem eles soubessem, ou culpou seu

irmão pelo vaso quebrado. Ou quantas vezes você avançou a sinal vermelho ou trafegou acima da velocidade permitida. Tudo bem, era por uma boa causa, mas você já vez, certo?

"Opa, perai???" você vai me dizer. O que eu fiz não é errado!!! Era apenas um lápis, ou uma xerox, ou uma moeda que meu pai nem saiba onde estava. Não pode comparar com milhões na cueca, ambulâncias superfaturadas ou milhões de dólares.

Será que não? Será que pegamos aquela caneta somente porque estava ao alcance de nossas mãos? E se fosse uma caixa de canetas? Ou uma ambulância? Ou um milhão? Nosso futuro só será melhor se nossa concepção de certo e errado for realmente correta e justa para todos. Se não formos corruptos com nós mesmos. Se tivermos o discernimento para saber o que é certo e o que é errado. Parece utopia, mas não é. Só depende de cada um de nós.

... continuação - Porão do rock II



TITÃS

Não sei o porquê, mas as bandas mais antigas, principalmente dos anos 80, não gostam muito de usar iluminação e fumaça para dar um realce nos shows. Isto não favorece no momento da captura, mas neste caso o efeito ficou interessante.



porãoweb.com.br

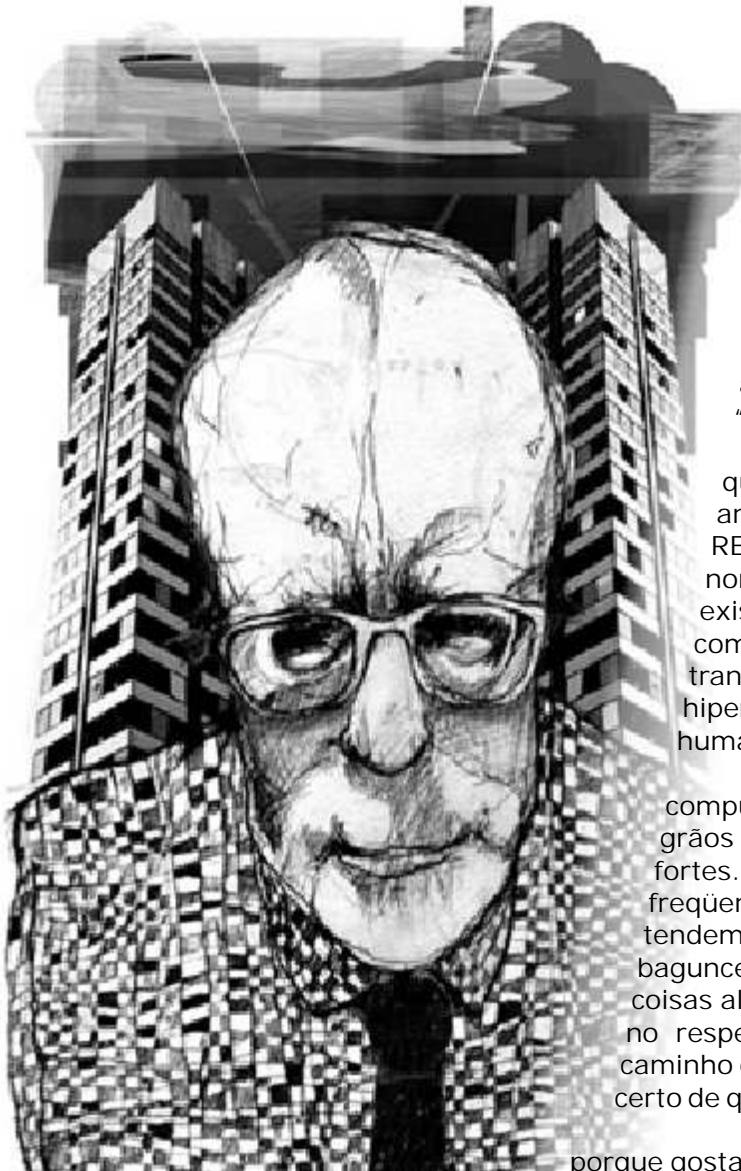
A VIDA, O UNIVERSO E TUDO MAIS

UM STOP L HAR

GIZZA MACHADO

Mr. D

OLHO NO HORIZONTE E VEJO O SOL NASCER
TÃO LINDO COMO UM MENINO TRAVESSO
LOUCO PARA SACUDIR SEUS CABELOS E DAR SEU PRIMEIRO MERGULHO NO MAR.
VEJO NO CÉU POUQUÍSSIMAS NUVENS BRANCAS
O AZUL É TÃO INFINITO, TÃO PROFUNDO QUE MEUS
OLHOS LACRIMEJAM UMA FELICIDADE MOMENTÂNEA.
SINTO A BRISA BEIJAR O MEU ROSTO E ACARICIAR MEUS CABELOS QUE VOAM
NERVOSOS E SEM DIREÇÃO.
A CIDADE ENTÃO ACORDA E NESSE DESPERTAR MATINAL COMEÇO A OUVIR AS
BUZINAS DOS CARROS, A VER AS PESSOAS CORRENDO NA PRAIA E TODO O SILÊNCIO
AGORA SE TRANSFORMA EM UMA VERDADEIRA POLUIÇÃO SONORA...
POR INCRÍVEL QUE PAREÇA, NÃO ME INCOMODA MAIS.
COMEÇO A TRANSPIRAR NOVAMENTE, AS DORES DO MEU CORPO SÃO TÃO
PROFUNDAS QUE NEM AS SINTO MAIS.
PARECE QUE AS SUPEREI OU ELAS ME VENCERAM E EU AINDA NEM SEI...
UMA ENFERMEIRA TRÁS UM COPO D'ÁGUA
E UMA TOALHA SECA PARA ENXUGAR MEU SUOR.
COMO O DIA ESTÁ LINDO...
NEM DÁ PARA ACREDITAR QUE É SEGUNDA-FEIRA.
UM DIA NÃO MUITO DESEJADO POR TODOS MAS, PRA MIM, ELE É PERFEITO.



Nós nos aproximamos das pessoas por afinidades e gostos comuns. Ao longo do tempo, estas afinidades tornam-se vínculos fortes e algumas das pessoas que o acaso trouxe para nossas vidas em atropelo ou em uma brisa acabam se tornando família. Há prazer em encontros furtivos entre os bons e velhos amigos, um sorriso aberto e um abraço apertado. No entanto, em todas as relações, quaisquer que sejam, a gente aprende a respeitar os limites e limitações alheias. Afinal, ninguém é perfeito neste mundo e é exigir demais a perfeição de qualquer ser humano. Como se diz por aí, “de perto, ninguém é normal”.

O problema da convivência passa a ser quando o que nos é habitual faz de nós seres anormais com anomalias que os outros convivem porque gostam REALMENTE de nós. Hoje em dia, a psiquiatria nos traz nomes para os problemas da maioria dos mortais (que existem em graus graves ou leves): transtorno obsessivo compulsivo, transtorno bipolar (ex-maníaco depressivo), transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (antes só hiperatividade) e tantos outros que atacam alguns seres humanos de uma forma bastante séria como a psicopatia.

Pessoas com transtorno obsessivo compulsivo podem se sentir ofendidas em lugares em que haja grãos de sujeira (ou roscas de pó, pelos, etc) ou com cheiros fortes. Tendem a ser críticas aos donos dos locais que frequentam e quando agem no impulso da hiperatividade tendem a dizer o que sentem. Existem seres humanos que são bagunceiros por natureza e que, bem, importam-se com outras coisas além de limpeza. Qualquer relacionamento deve se basear no respeito mútuo. Caso o respeito começa a seguir para o caminho de apontar dedos (mesmo com a maior das delicadezas) é certo de que algo está errado.

A gente aceita os defeitos alheios porque gostamos do que há por dentro do livro. Não se deve julgar um livro pela capa. Aceito as imperfeições que tenho (confesso que não de muito bom grado) e isso me permite tentar aceitar os outros com as camadas de cebola que os cobrem. Afinal, o que importa mesmo é o que há além das cascas da cebola: o coração, a fidelidade, a gentileza e os sentimentos reais. Claro que nem todo mundo se vê no outro. Faz parte da vida. Existem pessoas como eu e existem outros diferentes de mim e tenho que aprender a conviver com estas diferenças. O que não admito é que a intimidade da amizade se transforme no direito do outro me cutucar (mesmo que seja responsabilidade das cascas de cebola). Eu sei o que é ser diferente, porque faço parte daqueles que tem transtorno de déficit de atenção e hiperatividade e criaturas como eu tem a tendência de transformar a vida alheia em um verdadeiro inferno com esquecimentos constantes, trocas de nomes e desastres naturais como mexer demais as mãos ou os pés e acabar por derrubar milhões de coisas. Portanto, sei que quem está na minha vida ou ficou nela ao longo dos anos gosta de mim como eu sou: bagunceira, desligada e voando constantemente no céu. Por isso, tento respeitar os outros transtornados. Só peço aos outros que aprendam a conviver com a consequência dos seus atos!

Georgiana Calimeris

NO LIMITE